



GEODIVERSIDADE E GEONÍMIA EM TRILHAS DE LONGO CURSO

Bruno César dos Santos¹
Fernando Amaro Pessoa²

RESUMO

A presente pesquisa leva em conta que o percurso das trilhas, apropriado pelas pessoas de diferentes formas, seja para recreação, coleta de água, estabelecimento de caminhos no ir e vir, seja no presente ou no passado, possui nomes, principalmente nos cumes e nos rios, além de considerar o potencial de observação e interpretação que a grande variação de rochas, relevo, rios e solos possui. Por esses motivos, a escolha da Toponímia, enquanto uma ciência dedicada ao estudo dos nomes dos lugares, assim como a Geodiversidade, se fazem como eixos estruturantes da pesquisa. Tendo em vista que esses nomes geográficos podem ser incorporados de diferentes formas, seja na cartografia da área e ou na própria apropriação verbal realizada pela população local, isso leva ao debate sobre Geonímia e Geodiversidade em trilhas. Para tanto, foi escolhido um trecho da trilha de longo curso Caminhos da Serra do Mar, a Travessia Uricanal, por conta do potencial para interpretação ambiental, visita aos cumes e observação da paisagem, além dos diversos topônimos existentes em relação aos acidentes geográficos, o que gera a necessidade de construção e organização de base de dados que aponte a origem, história e características desses topônimos e a possibilidade de entender os processos de uso e ocupação dessas áreas, considerando os diferentes grupos e histórias dos atores envolvidos no uso e modificação dos espaços. Assim, foram feitas a caracterização da Geodiversidade, usando bases cartográficas disponíveis, bem como a inventariação dos topônimos existentes na área de estudo, gerando subsídios à discussão proposta.

Palavras-chave: Geodiversidade; Trilhas; Toponímia; Cartografia; Unidades de Conservação

ABSTRACT

This research takes into account that the path of the trails, appropriated by people in different ways, whether for recreation, water collection, establishing paths in coming and going, whether in the present or in the past, has names, especially on the peaks and in the rivers, in addition to considering the potential for observation and interpretation of the great variation in rocks, relief, rivers and soils. For these reasons, the choice of Toponymy, as a science dedicated to the study of place names, as well as Geodiversity, are made as structuring axes for the research. Considering that these geographical names can be incorporated in different ways, either in the area's cartography or in the verbal appropriation carried out by the local population, this leads to the debate on Geonomy and Geodiversity in trails. For this purpose, a stretch of the long-distance

¹ Professor da Secretaria de Educação de Petrópolis e Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFRJ;

² Professor do Cefet/RJ *campus* Petrópolis e Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFRJ.



trail Caminhos da Serra do Mar, the Uricanal Crossing, was chosen because of the potential for environmental interpretation, visits to the summits and landscape observation, in addition to the various existing toponyms in relation to geographic accidents, the which generates the need to build and organize a database that points out the origin, history and characteristics of these toponyms and the possibility of understanding the processes of use and occupation of these areas, considering the different groups and histories of the actors involved in the use and modification of the spaces. Thus, the characterization of Geodiversity was made, using available cartographic bases, as well as the inventory of existing toponyms in the study area, generating subsidies for the proposed discussion.

Keywords: Geodiversity; Trails; Toponymy; Cartography; Conservation Units.

INTRODUÇÃO

A variação das rochas, do relevo, dos solos e dos rios são condicionantes da variedade natural observada nos percursos das trilhas, ao possibilitar a existência de diferentes ecossistemas e influenciar diretamente em características como tipos de terreno, declividade e dificuldade de orientação no percurso, notadamente em trilhas do bioma Mata Atlântica (GRAY, 2013; PESSOA *et al.*, 2019).

O percurso das trilhas, apropriado pelas pessoas de diferentes formas, seja para recreação, coleta de água, estabelecimento de caminhos no ir e vir, seja no presente ou no passado, possui nomes, principalmente nos cumes e nos rios. Esses nomes geográficos podem ser incorporados de diferentes formas, seja na cartografia da área e ou na própria apropriação verbal realizada pela população local, o que nos leva ao debate sobre Toponímia e Geodiversidade em trilhas.

Enquanto a geodiversidade pode ser apontada como o equivalente abiótico da biodiversidade, a toponímia é a ciência dedicada ao estudo dos nomes geográficos, constituindo-se como um ramo da Onomástica, área de estudo dos nomes próprios (SANTOS, 2008; SOUZA, 2014). Cerrón-Palomino (2015) aponta o caráter interdisciplinar da toponímia, destacando as áreas de Geografia, História, Arqueologia, Filologia e Linguística como contempladas nessa discussão. Villalón (2013) define o estudo da toponímia como resultado de um complexo grupo de fatores, dentre os quais destaca os geográficos, linguísticos, idiomáticos, culturais, sociais, econômicos e etnográficos. Menezes e Santos (2006) apontam que os nomes geográficos são como testemunhos do povoamento e ocupação, registrando e sinalizando as ações de diferentes povos, culturas e grupos linguísticos. Corrêa (2003) afirma que o topônimo, outro termo para expressar nomes geográficos, constitui-se como importante marca cultural,



expressando uma forma afetiva de apropriação do espaço por um determinado grupo cultural, sendo uma marca identitária importante.

No contexto do presente trabalho, é importante destacar a designação de outro termo referente aos nomes geográficos, sendo ele a geonímia. Santos (2008) apresenta discussão sobre esse termo, onde o mesmo pode ser entendido como nome próprio de lugares e acidentes geográficos, tal como toponímia e topônimo, mas acrescido de coordenadas referente ao mesmo. O autor considera, ainda, que o vocábulo Geo (Terra), do ponto de vista conceitual, é mais específico e melhor caracteriza os fenômenos que ocorrem na superfície terrestre, passíveis de posicionamento geográfico.

Dessa forma, é possível refletir sobre uma interação entre sociedade e natureza a partir de processos históricos de percepção do ambiente, evidenciando conceitos geográficos como escala, paisagem e território. Afinal, seria a toponímia reflexo de um processo de territorialização da paisagem, influenciada pela escala utilizada? Por que alguns nomes geográficos constam na cartografia oficial e outros não? Se um cume ou um rio, por exemplo, possui diferentes nomes, quem é responsável pela escolha de representação? Trata-se, portanto, de importante debate que precisa ser melhor sistematizado em trilhas, tendo em vista o potencial de divulgação de estudos sobre geodiversidade e toponímia que as trilhas possuem, associados a atribuição de valor a alguns pontos de interesse da geodiversidade e resgate da história local.

No Brasil, o ICMBio vem coordenando a implantação de algumas trilhas de longo curso, tais como os Caminhos da Serra do Mar e a Trilha Transcarioca, por exemplo, e estimulando seu uso público, movimento que ganhou reconhecimento legal com a publicação da Portaria Conjunta (ICMBio, Ministério do Meio Ambiente e Ministério do Turismo) nº 407, de 19 de outubro de 2018, que instituiu a Rede Nacional de Trilhas de Longo Curso e Conectividade – Rede Trilhas. Neste sentido, inventariar a geodiversidade e a toponímia dessas trilhas, juntamente com a adoção de propostas de geoconservação e estímulo ao geoturismo, torna-se de suma importância.

Assim, o presente trabalho possui como objetivo, a partir de uma trilha de longo curso que conecta diferentes municípios e unidades de conservação, envolvendo a geodiversidade, a biodiversidade e as pessoas, apresentar a conexão necessária entre a geodiversidade e a toponímia em trilhas, contribuindo para propostas de educação e interpretação ambiental em trilhas na perspectiva do geoturismo.

Para isso, a partir da trilha de longo curso Caminhos da Serra do Mar (Parque Nacional da Serra dos Órgãos) e dos estudos sobre geodiversidade e interpretação ambiental já existentes (PESSOA, 2019), foi escolhido um dos seus trechos para aplicação do estudo e sistematização da metodologia, a trilha da Travessia Uricanal, inserida em duas bacias hidrográficas - rio Itamarati e rio do Poço do Ferreira, as quais serão utilizadas como recorte territorial para caracterização da geodiversidade e inventário dos topônimos em diferentes escalas.

ÁREA DE ESTUDO

O trabalho está sendo realizado na trilha de longo curso Caminhos da Serra do Mar, pertencente a Rede Brasileira de Trilhas. Conectando os municípios de Magé, Petrópolis, Guapimirim e Teresópolis, e inserida nos territórios do Parque Nacional da Serra dos Órgãos, Área de Proteção Ambiental da Região Serrana de Petrópolis e do Refúgio de Vida Silvestre Estadual da Serra da Estrela, possui aproximadamente 68 km de extensão e é dividida nos seguinte trechos: o Caminho do Ouro, a Travessia Cobiçado - Ventania, a Trilha Uricanal e a Travessia Petrópolis - Teresópolis (que se realizada na sua totalidade contempla os trechos do Morro do Açu a Pedra do Sino) (Figura 1).

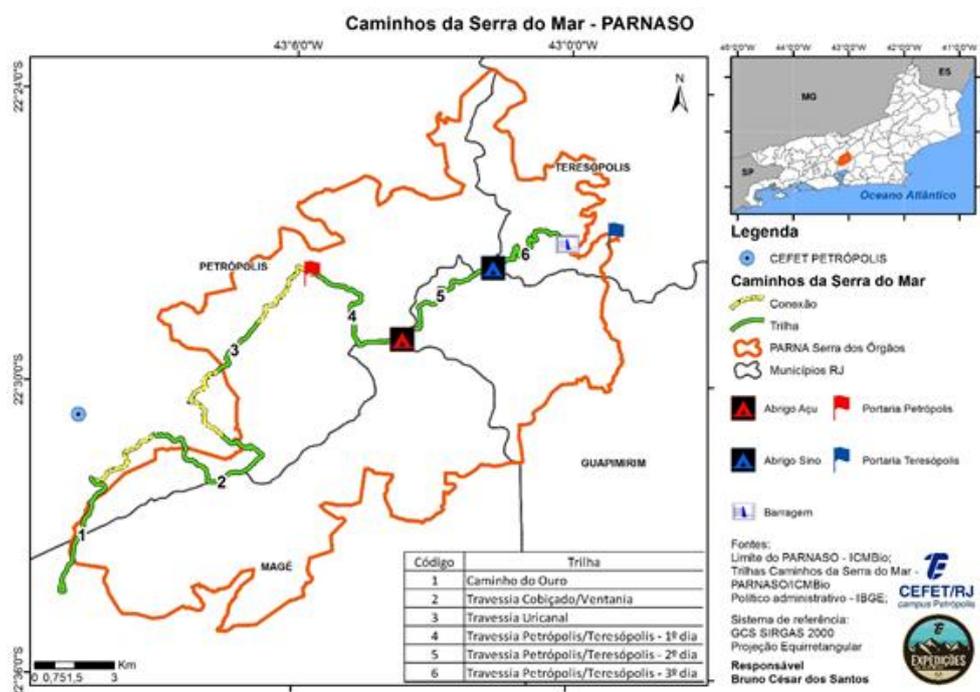


Figura 1: Mapa com o traçado das trilhas pertencentes a trilha de longo curso Caminhos da Serra do Mar. Fonte: elaborado pelos autores.

De acordo com o ICMBio/PARNASO (2016), o principal objetivo desta trilha de longo curso é favorecer a conservação ambiental a partir do uso público ordenado,



apresentando este território como prioritário para as práticas de montanhismo, caminhadas, contemplação, recreação e lazer.

Para esse trabalho, especificamente, foi selecionada a trilha da Travessia Uricanal, inserida em duas bacias hidrográficas - rio Itamarati e rio do Poço do Ferreira, ambas completamente inseridas no município de Petrópolis. Assim, a pesquisa contemplará não só o percurso da trilha, mas também a paisagem observada e, a fim de propor um recorte territorial adequado, foi definido o limite das bacias hidrográficas por onde passa a trilha.

Seu percurso, que interliga os bairros do Caxambu e do Bonfim, duas importantes áreas agrícolas, possui aproximadamente 10 km de extensão com 500 metros de ganho de altimetria, o que a torna uma caminhada leve-superior com duração estimada entre 4 e 5 horas (adaptado de ICMBio, 2016 e informações disponíveis no aplicativo Wikiloc - <https://pt.wikiloc.com/trilhas-trekking/travessia-uricanal-19837175>), possibilitando diferentes perspectivas da paisagem (Figura 2).



Figura 2: Perspectivas da paisagem ao longo da trilha da Travessia Uricanal. Fonte: Arquivos dos autores.

METODOLOGIA

Com base no Mapa de Geodiversidade do Estado do Rio de Janeiro (DANTAS *et al.*, 2020), foi confeccionado um mapa dos padrões de relevo da bacia do rio Itamarati, onde está inserida a Travessia Cobiçado-Ventania, localizada no bairro do Caxambu em Petrópolis (RJ) e um dos trechos da trilha de longo curso Caminhos da Serra do Mar. A escolha pelos padrões de relevo para a construção do mapa, se deve pelo maior



detalhamento associado à possibilidade de articulação entre a formação dos cumes e das bacias hidrográficas a partir dos processos geológicos e geomorfológicos. A construção deste mapa teve como base a aquisição de informações disponibilizadas no Repositório Institucional de Geociências do Serviço Geológico do Brasil - CPRM (RIGEO - <http://rigeo.cprm.gov.br/jspui/handle/doc/20479>). Já a caracterização dos rios e bacias hidrográficas teve como base as informações disponíveis no Portal GeoInea (<https://www.arcgis.com/apps/MapSeries/index.html?appid=00cc256c620a4393b3d04d2c34acd9ed>) e no Atlas da Região Hidrográfica IV - Piabanha (MONTES *et al.*, 2019).

Para a inventariação dos topônimos inseridos na área de estudo, foi utilizada a base digital do Open Street Map (OSM). A escolha de levantamento a partir da base do Open Street Map se deu pelo fato de ser aberta e considerar a inserção de informação dos mais diferentes usuários, além de ser uma base de informações atualizada. Dessa forma, foram identificados topônimos a partir das seguintes escalas de visualização: 1:50.000; 1:25.000; 1:12.500 e superiores a 1:12.500. Essa visualização e identificação se deram a partir do software Quantum GIS 3.6.2, considerando as escalas em que os topônimos eram representados dentro do recorte das bacias em que a trilha se insere.

Para o presente trabalho, foram considerados como pontos de interesse os cumes, os rios e as bacias hidrográficas que estão inseridos no contexto da área de estudo. Tais informações foram organizadas em mapas e tabelas com os dados levantados, a partir das escalas pré-definidas, bem como o próprio topônimo utilizado em relação aos cumes e rios, identificados e classificados com base nas taxinomias propostas por Dick (1990).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Padrões de Relevo

Para a caracterização e detalhamento da geodiversidade da trilha da Travessia Uricanal e as sub-bacias hidrográficas do rio Itamarati e do rio do Poço do Ferreira, onde está inserida, foram utilizados os padrões de relevo propostos na Carta Geomorfológica do município de Petrópolis (SHINZATO *et al.*, 2017).

Essas sub-bacias estão inseridas na Unidade Morfoestrutural Cinturão Orogênico do Atlântico, na Unidade Morfoescultural dos Planaltos Residuais e na Unidade Geomorfológica do Planalto Reverso da Região Serrana (DANTAS *et al.*, 2020), com a presença de 09 (nove) padrões de relevo, dos quais destacam-se o Domínio Serrano e o Domínio Alto-Serrano, conforme figura 3 e tabela 1.

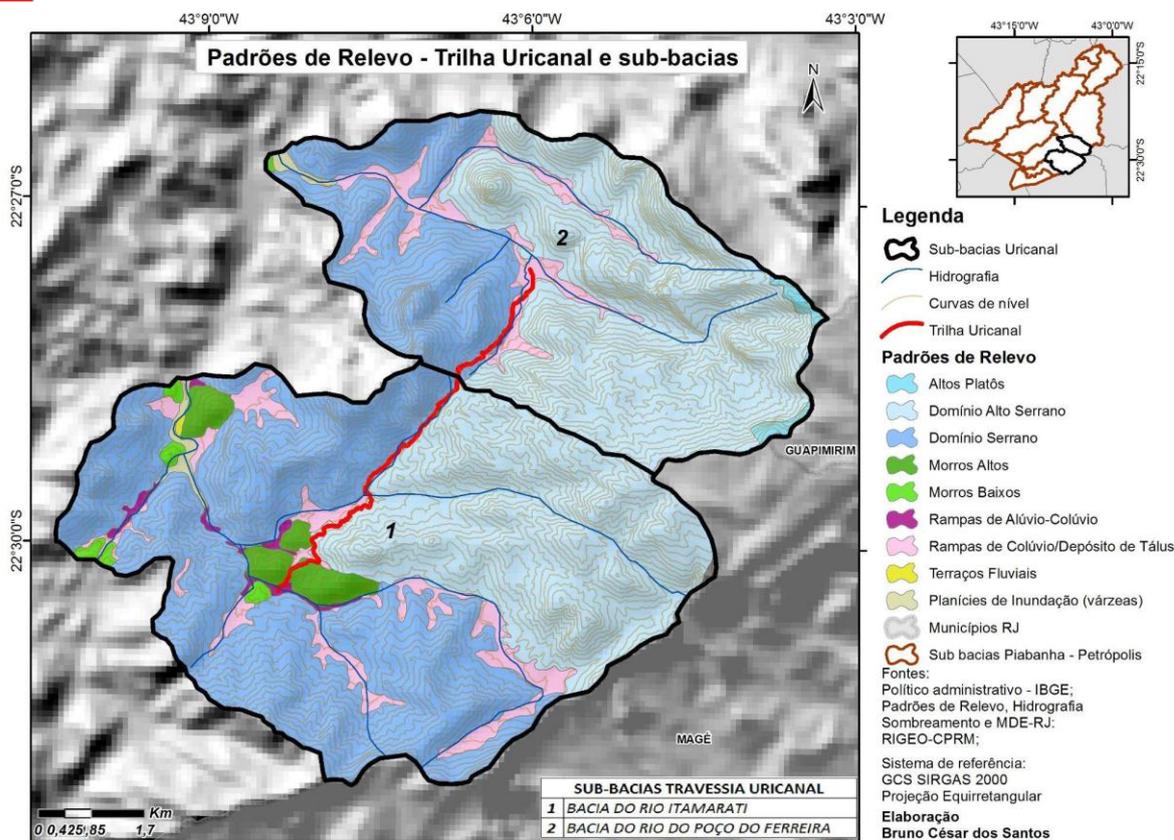


Figura 3 - Mapa dos Padrões de Relevo das sub-bacias hidrográficas do rio Itamarati e do rio do Poço do Ferreira e da trilha da Travessia Uricanal. Fonte dos dados: Repositório Institucional de Geociências do Serviço Geológico do Brasil - CPRM; Shinzato *et al.* (2017).

Tabela 1 - Padrões de Relevo das sub-bacias hidrográficas do rio Itamarati e do rio do Poço do Ferreira

PADRÕES DE RELEVO - SUB-BACIAS TRILHA URICANAL		
PADRÃO	ÁREA (ha)	%
Altos Platôs	45,2	0,59
Domínio Alto Serrano	3576,57	46,66
Domínio Serrano	3165,23	41,29
Morros Altos	173,7	2,27
Morros Baixos	50,89	0,66
Planícies de Inundação (várzeas)	47,89	0,62
Rampas de Alúvio-Colúvio	46,34	0,60
Rampas de Colúvio/Depósito de Tálus	556,8	7,26
Terraços Fluviais	3,2	0,04
Total	7665,82	

Fonte dos dados: Repositório Institucional de Geociências do Serviço Geológico do Brasil - CPRM; Shinzato *et al.*, 2017.

O percurso da trilha se inicia no contexto dos morros altos e morros baixos com a presença de rampas de alúvio-colúvio no bairro do Caxambu. A partir daí, a trilha percorre um vale suspenso, condicionado por uma falha geológica, que passa pelo limite



das duas sub-bacias e situa-se exatamente no limite entre os dois padrões de relevo predominantes - domínio alto serrano e serrano, os quais destacam-se pelas seguintes características, de acordo com Shinzato *et al.* (2017):

- Domínio Alto Serrano: Relevo de aspecto montanhoso, muito acidentado, apresentando vertentes retilíneas a côncavas e topos de cristas alinhadas ou aguçadas, com sedimentação generalizada de colúvios e tálus. Alta densidade de drenagem. Predominam grandes despenhadeiros de gradientes elevados com ocorrência esporádica de paredões rochosos subverticais e pães-de-açúcar. Amplitude maior que 700 metros (com ocorrência de picos acima de 1.500 metros de altitude) e declividade entre 20° e 45°;
- Domínio Serrano: Relevo de aspecto montanhoso, muito acidentado, apresentando vertentes retilíneas a côncavas e topos de cristas alinhadas, aguçados ou levemente arredondados, com sedimentação de colúvios e tálus. Alta densidade de drenagem. Predominam vertentes de gradientes elevados com ocorrência esporádica de paredões rochosos subverticais e pães-de-açúcar. Amplitude maior que 300 metros e declividade entre 20° e 45°.

Geonímia

A partir da identificação e inventariação dos topônimos da área de estudo, foi realizada a caracterização e classificação com base na taxionomia proposta por Dick (1990), de acordo com as escalas de visualização, conforme os quadros 1, 2, 3 e 4.

Quadro 1 – Topônimos inventariados com base no Open Street Map (OSM) – escala de visualização 1:50.000

TOPÔNIMO OSM 50K	SUB-BACIA	NOME GENÉRICO	NOME ESPECÍFICO	TIPO	ORIGEM CULTURAL	MOTIVAÇÃO
Alto Ventania	ITAMARATI	ALTO	VENTANIA	RELEVO	PORTUGUESA	METEOROTOPÔNIMO
Cobiçado	ITAMARATI	NÃO CONSTA	COBIÇADO	RELEVO	PORTUGUESA	ANIMOTOPÔNIMO
Monte Florido	ITAMARATI	MONTE	FLORIDO	RELEVO	PORTUGUESA	FITOTOPÔNIMO
Morro da Bandeira	ITAMARATI	MORRO	DA BANDEIRA	RELEVO	PORTUGUESA	ERGOTOPÔNIMO
Morro do Teto	ITAMARATI	MORRO	DO TETO	RELEVO	PORTUGUESA	DIMENSOTOPÔNIMO
Pedra do Inferno	ITAMARATI	PEDRA	DO INFERNO	RELEVO	PORTUGUESA	HIEROTOPÔNIMO
Tapera do Morin	ITAMARATI	TAPERA	DO MORIN	RELEVO	FRANCESA	ANTROPOTOPÔNIMO
Três Irmãos do Caxambu	ITAMARATI	NÃO CONSTA	TRÊS IRMÃOS DO CAXAMBU	RELEVO	PORTUGUESA	NUMEROTOPÔNIMO

Fonte: elaboração própria com base em Souza (2014) e Dick (1990).



Quadro 2 – Topônimos inventariados com base no Open Street Map (OSM) – escala de visualização 1:25.000.

TOPÔNIMO OSM 25K	SUB-BACIA	NOME GENÉRICO	NOME ESPECÍFICO	TIPO	ORIGEM CULTURAL	MOTIVAÇÃO
Morro da Bandeira	ITAMARATI	MORRO	DA BANDEIRA	RELEVO	PORTUGUESA	ERGOTOPÔNIMO
Morro do Tridente	ITAMARATI	MORRO	DO TRIDENTE	RELEVO	PORTUGUESA	ERGOTOPÔNIMO
Pedra do Balão	ITAMARATI	PEDRA	DO BALÃO	RELEVO	PORTUGUESA	ERGOTOPÔNIMO
Pico dos Dois Irmãos	ITAMARATI	PICO	DOS DOIS IRMÃOS	RELEVO	PORTUGUESA	NUMEROTOPÔNIMO
Pico dos Vândalos	ITAMARATI	PICO	DOS VÂNDALOS	RELEVO	PORTUGUESA	ANIMOTOPÔNIMO
Cabeça de Cachorro	RIO DO POÇO DO FERREIRA	NÃO CONSTA	CABEÇA DE CACHORRO	RELEVO	PORTUGUESA	ZOOTOPÔNIMO
Castelitos	RIO DO POÇO DO FERREIRA	NÃO CONSTA	CASTELITOS	RELEVO	PORTUGUESA	ECOTOPÔNIMO
Morro do Alicate	RIO DO POÇO DO FERREIRA	MORRO	DO ALICATE	RELEVO	PORTUGUESA	ERGOTOPÔNIMO
Morro do Cubaio	RIO DO POÇO DO FERREIRA	MORRO	DO CUBAIO	RELEVO	SEM INFORMAÇÃO	SEM INFORMAÇÃO

Fonte: elaboração própria com base em Souza (2014) e Dick (1990).

Quadro 3 – Topônimos inventariados com base no Open Street Map (OSM) – escala de visualização 1:12.500.

TOPÔNIMO OSM 12,5K	SUB-BACIA	NOME GENÉRICO	NOME ESPECÍFICO	TIPO	ORIGEM CULTURAL	MOTIVAÇÃO
Morro do Pereira	ITAMARATI	MORRO	DO PEREIRA	RELEVO	PORTUGUESA	ANTROPOTOPÔNIMO
Pedra do Diabo	ITAMARATI	PEDRA	DO DIABO	RELEVO	PORTUGUESA	HIEROTOPÔNIMO
Pedra do Itamarati	ITAMARATI	PEDRA	DO ITAMARATI	RELEVO	TUPI	LITOTOPÔNIMO
Cabeça de Cavalo	ITAMARATI	NÃO CONSTA	CABEÇA DE CAVALO	RELEVO	PORTUGUESA	SOMATOPÔNIMO
Cachoeira Véu da Noiva	RIO DO POÇO DO FERREIRA	CACHOEIRA	VÉU DA NOIVA	HIDROGRAFIA	PORTUGUESA	ERGOTOPÔNIMO
Gruta do Presidente	RIO DO POÇO DO FERREIRA	GRUTA	DO PRESIDENTE	RELEVO	PORTUGUESA	SOCIOTOPÔNIMO
Rio do Bonfim	RIO DO POÇO DO FERREIRA	RIO	DO BONFIM	HIDROGRAFIA	PORTUGUESA	HAGIOTOPÔNIMO
Rio do Poço do Ferreira	RIO DO POÇO DO FERREIRA	RIO	DO POÇO DO FERREIRA	HIDROGRAFIA	PORTUGUESA	ANTROPOTOPÔNIMO

Fonte: elaboração própria com base em Souza (2014) e Dick (1990).



Quadro 4 – Topônimos inventariados com base no Open Street Map (OSM) – escala de visualização >1:12.500.

TOPÔNIMO OSM >12,5K	SUB-BACIA	NOME GENÉRICO	NOME ESPECÍFICO	TIPO	ORIGEM CULTURAL	MOTIVAÇÃO
Cachoeira do Presidente	RIO DO POÇO DO FERREIRA	CACHOEIRA	DO PRESIDENTE	HIDROGRAFIA	PORTUGUESA	SOCIOTOPÔNIMO
Cone 1	RIO DO POÇO DO FERREIRA	NÃO CONSTA	CONE 1	RELEVO	PORTUGUESA	MORFOTOPÔNIMO
Cone 2	RIO DO POÇO DO FERREIRA	NÃO CONSTA	CONE 2	RELEVO	PORTUGUESA	MORFOTOPÔNIMO

Fonte: elaboração própria com base em Souza (2014) e Dick (1990).

Ao todo, foram inventariados 36 topônimos considerando as escalas de visualização abordadas, onde se encontraram distribuídos 17 topônimos na Bacia do Rio Itamarati e os outros 19 topônimos na Bacia do Rio do Poço do Ferreira.

Em relação às escalas de visualização, a representação dos topônimos se deu da seguinte forma: 16 topônimos na escala 1:50.000; 9 topônimos na escala 1:25.000; 8 topônimos na escala 1:12.500; e 3 topônimos para escalas superiores a 1:12.500.

Com base em Dick (1990), os topônimos foram classificados de acordo com a sua motivação toponímica. No que diz respeito à motivação toponímica, a autora aponta que os topônimos são agrupados em taxionomias de 2 grandes naturezas, as taxionomias de natureza física (TNF) e as taxionomias de natureza antropocultural (TNA). No trabalho de Souza (2014) é possível observar a organização das taxionomias e seus significados de maneira resumida. Assim, foram observadas as seguintes motivações toponímicas com o levantamento, considerando todas as escalas de visualização abordadas: *animotopônimos* (3); *antropotopônimos* (4); *dimensiotopônimos* (2); *ecotopônimos* (1); *ergotopônimos* (7); *fitotopônimos* (1); *hagiotopônimos* (1); *hidrotopônimos* (1); *hierotopônimos* (2); *litotopônimos* (1); *meteorotopônimos* (1); *morfotopônimos* (3); *numerotopônimos* (2); *sociotopônimos* (2); *somatopônimos* (1); e *zootopônimos* (3). Além disso, foi identificado um topônimo sem referência de motivação e origem cultural, sendo o “Morro do Cubaio”.

Considerando a observação da paisagem ao longo da trilha e relacionando aos topônimos, foi identificada uma grande diversidade de motivações toponímicas, sobretudo aquelas que dizem respeito às formas, como os morfotopônimos (formas geométricas), os zootopônimos (formas de animais) e os somatopônimos (formas de partes do corpo humano ou de animais). Outra observação que se faz, diz respeito ao predomínio da origem cultural portuguesa nos topônimos, o que se justifica pela ocupação



da localidade ter sido feita por imigrantes portugueses, originários dos Açores (ZANATTA, 2006). Em seu trabalho, Souza (2014) também identificou como sendo maioria os topônimos de origem portuguesa. Conforme aponta Souza (2014, p.68), optou-se por utilizar o termo *“origem cultural à origem etimológica, visto que pretende-se considerar aspectos que vão para além da essência da palavra em si”*. Destaca-se que Souza (2014) classificou grande parte dos topônimos levantados nesse trabalho, utilizando a base cartográfica de Petrópolis na escala 1:10.000.

Outra questão que é ressaltada, diz respeito às motivações religiosas (hagiotopônimos e hierotopônimos), sobretudo na Bacia do Rio Itamarati, onde existem topônimos relacionados ao “inferno”, “diabo” e “tridente”, aspecto linguístico que pode estar relacionado à religiosidade daqueles que iniciaram o processo de ocupação, exploração e nomeação dos espaços na localidade.

Por fim, foram identificadas relações dos topônimos e de características físicas e usos nas bacias em que a trilha se encontra. Destaca-se o topônimo Itamarati, que tem origem tupi e significa “pedra que rola”, o que se justifica, pois a calha do Rio Itamarati é composta por sedimentos de granulometria grosseira, desde seixos até matacões. Outro importante apontamento diz respeito ao topônimo Pedra da Mãe d’Água (hidrotopônimo), fazendo referência à importância do cume em relação à captação de água pela população local, situada na bacia do Rio do Poço do Ferreira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pretende-se com o presente estudo contribuir na elaboração de uma metodologia que aponte para a relação entre geodiversidade e toponímia a partir de uma abordagem multiescalar e geossistêmica de interpretação ambiental em trilhas, principalmente nas trilhas de longo curso, tendo em vista seu potencial para atividades de pesquisa científica, recreação e lazer e geração de emprego e renda.

Além disso, a pesquisa permite uma integração entre diferentes atores que atuam no território, a exemplo das comunidades locais, de instituições de ensino, pesquisa e extensão, clubes de montanhismo, gestores e voluntários de unidades de conservação e empreendedores do setor do turismo.



REFERÊNCIAS

- CERRÓN-PALOMINO, R. **Toponimia andina: problemas y métodos**. Lexis, Lima, v.39 , n. 1, p.183-197, 2015. Disponível em <<http://www.scielo.org.pe/pdf/lexis/v39n1/a06v39n1.pdf>>. Acessado em 21 de Agosto de 2021.
- CORRÊA, R. L. A Geografia Cultural e o Urbano. In: CORRÊA, R L. e ROZENDAHL, Z. (Orgs.). **Introdução a Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand, Brasil, 2003. p. 167-187.
- DANTAS, M.E.; MORAES, J.M.; FERRASSOLI, M.A.; JORGE, M.Q.; HIQUIAS, V.A. **Geodiversidade do Estado do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: CPRM, 2020.
- DICK, M.V.P.A. **A motivação toponímica e a realidade brasileira**. São Paulo: Arquivo do Estado, 1990.
- GRAY, M. **Geodiversity: Valuing and Conserving Abiotic Nature**. 2a Edição. Londres, John Wiley & Sons, 2013.
- ICMBIO/PARNASO. *Caminhos da Serra do Mar*. 2016. Disponível em <http://www.icmbio.gov.br/parnaserradosorgaos/destaques/167-caminhos-da-serra-do-mar.html>. Acesso em outubro de 2021.
- MENEZES, P. M. L. de.; SANTOS, C. J. B. dos. Geonímia do Brasil: pesquisa, reflexões e aspectos relevantes. **Revista Brasileira de Cartografia**, n. 58/02, ago. 2006.
- MONTES, V.M; COSTA, D.A; FERREIRA, L.B; CARDOSO, L.P; FILGUEIRAS, P.R.P; ASSUMPCÃO, R.S.F.V. **ATLAS DA REGIÃO HIDROGRÁFICA IV – PIABANHA**. Agevap. Petrópolis. 2019.
- PESSOA, F.A. **Geodiversidade e Interpretação Ambiental em Trilhas – Travessia Petrópolis-Teresópolis (Parque Nacional da Serra dos Órgãos (RJ))**. Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (Tese de Doutorado), 2019.
- PESSOA, F.; ARAUJO, J.; CAMBRA, M.F.; PEIXOTO, M.N.O.; MANSUR, K.L.; SEOANE, J.C. Caminhos da Geodiversidade em trilhas da Mata Atlântica: uma abordagem geossistêmica. **XIII ENANPEGE**, São Paulo - SP, 2019.
- SANTOS, C.J.B. Geonímia do Brasil: **A Padronização dos Nomes Geográficos num Estudo de Caso dos Municípios Fluminenses**. Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2008.
- SHINZATO, E.; DANTAS, M.E.; RENK, J.F.C.; GARCIA, M.L.T.; COSTA, L. **Carta Geomorfológica: município de Petrópolis, RJ**. 2017. Disponível em: <<http://rigeo.cprm.gov.br/jspui/handle/doc/20479>> Acessado em Junho de 2021.



SOUZA, B.C.P. **Os nomes geográficos de Petrópolis e a imigração alemã: memória e identidade.** Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2014.

VILLALÓN, G. Estrategia para la formación de la cultura toponímica local desde el proceso educativo escolar en secundaria básica. **Revista Iberoamericana de Evaluación Educativa**, Madrid, v. 6, n. 1, p.77-94, 2013.

ZANATTA, A . L. **Histórias e Lendas das Ruas de Petrópolis.** Mimeo: Petrópolis, 2006.